

## **A arte pública e o corpo despossuído de território no processo de urbanização.**

Élder Sereni Ildfonso

Programa de Pós-Graduação em Artes – Unesp

Mestrando - Arte e Arquitetura - Or<sup>a</sup>. Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carminda Mendes André

Ator/Bailarino Cia. Artesãos do Corpo

### **Resumo**

Esta pesquisa tem como foco o centro da cidade de São Paulo, com relação às funcionalidades do espaço urbano e sua utilização pelos transeuntes que convivem no local, através da análise do ritmo, da dinâmica, das relações sociais, da arquitetura, das paisagens visual e sonora, da urbanização e da ocupação do espaço. Tal análise visa caracterizar um lirismo urbano e seu potencial performativo, buscando elementos correspondentes aos utilizados na arte urbana, com especial atenção para o Festival Internacional Visões Urbanas, bem como mapear possíveis elementos correlatos entre vida urbana, arquitetura e criação artística. Por meio deste estudo, acredita-se contribuir significativamente para a revitalização do ambiente urbano degradado com a ocupação e utilização artística do espaço.

*Palavras Chave: Espaços performáticos, arte urbana, centro de São Paulo, Festival Visões Urbanas*

## Introdução

Este artigo visa delinear a vivência da situação urbana de São Paulo, que pouco oferece aos cidadãos espaços públicos de sociabilidade. Este território é praticamente fictício, encontrado muitas vezes em sua super lotação ou totalmente degradado.

São Paulo, uma cidade de características únicas no Brasil, necessita ser analisada de maneira particular, para tanto, levantar questões singulares a cada local é de suma importância, pois todo o complexo urbano mais se assemelha a diversas cidades unidas territorialmente do que a uma única cidade dividida por bairros e vilas, devido à potência auto-sustentável que muitos deles já possuem.

O Pateo do Collegio é o recorte espacial estabelecido como núcleo do objeto de pesquisa, sendo o centro da cidade compreendido como grande área, embora haja sérias disparidades em sua análise devido ao histórico de ocupação e formação das estruturas físicas, aspectos discordantes se justapõem como potência fértil para diálogos entre arte e paisagem urbana.

Definido como o marco inicial da cidade de São Paulo, local singular que possui um enorme pátio que sustenta o “vazio” na relação volumétrica urbana, onde ocorrem diversas possibilidades de ocupações temporárias, este espaço demarca território de “respiração” da cidade em meio à falta de espaço e superlotação.

Sua manutenção diária expõe a problemática da limpeza do espaço público, preocupação que poderia ser mais bem trabalhada em todo o centro da cidade, já que sua importância enquanto memória da cidade e do cidadão é incalculável, ao mesmo tempo esta prática possibilita princípios higienistas que são supervisionados pela polícia.

Na sua atual ocupação, pode-se encontrar em meio à intensa pluralidade de indivíduos de diferentes locais e classes sociais, um território que historicamente tem sido ocupado por artistas. Entende-se que o Pateo do Collegio se contrapõe a todo seu entorno e que em curtos deslocamentos, ao caminhar pelo centro da cidade são passíveis diversas indagações intrigantes.

O *Festival Visões Urbanas* é referenciado aqui como foco de re-edificação de espaços urbanos através de atividades artísticas, com relevante mobilização artística ele instala sua existência. Participante da rede *Internacional Cidades que Dançam* (CQD), possibilita o encontro de artistas que produzem trabalhos premidos da paisagem urbana como força motriz de interação com as diversas situações e problemáticas da cidade.

O *Festival* reúne artistas de vários países e cidades fortalecendo a existência de territorialidades potencialmente performáticas, possibilita em suas intervenções novas significações quanto ao referencial simbólico do espaço através sua utilização.

Nas cinco edições do *Festival* foram utilizados diversos locais, compreendendo basicamente os limites físicos do centro de São Paulo salvo algumas exceções, como por exemplo, apresentações itinerantes que alargaram essas fronteiras e foram muito bem vindas, pois a rua neste momento demonstra sua generosa capacidade de diluição de fronteiras.

### **Arte e Cidade**

A cidade é palco da constante interação entre grupos sociais, marcada pela diversidade e por conflitos sociais de grande visibilidade e dramaticidade. Um dos fatores de desequilíbrio nessa interação é a elevação do valor imobiliário que organiza a cidade na lógica centro/periferia. O centro de São Paulo configura-se como um local de circulação das diferentes classes sociais, caracterizado atualmente como centro comercial.

Segundo Frígoli Jr. (2000), a somatória desta problemática em conjunto com outros fatores pertinentes as relações sociais transforma o local em campo de conflitos. A lógica que se impõe é a do capital que promove a regulamentação urbana destinada a favorecer alguns grupos sociais, que acabam por se tornar os produtores do desenho urbano.

O projeto urbano produz modos de vida e influencia as relações humanas, no caso da racionalidade baseada no centro/periferia, naturaliza-se a divisão da população em classes de acordo com o lugar onde se mora.

Fundada em 25 de janeiro de 1554 com o Colégio de Piratininga, São Paulo construiu sua poética imagem sob a alcunha “terra da garoa”. Ao lado do Vale do Anhangabaú (em tupi significa *rio do diabo*) temos a construção do símbolo da colonização, a igreja, que demarca o local de nascimento de São Paulo.

Os arredores do Colégio de Piratininga, hoje nomeado Pateo do Collegio, começou a ser ocupado por volta de 1560, mas foi o café que desenvolveu as relações entre a capital, o interior e o litoral. Com a crise do café em 1930, concomitante com a quebra da bolsa de Nova York, São Paulo assiste o êxodo rural que resultou em seu rápido crescimento populacional.

São Paulo é formada por vários bairros, cada um com seu referencial próprio quanto a um centro comercial. Dessa forma, o centro tradicional da cidade passou por um processo de transformação descontrolada, devido às suas antigas funções subdivididas em diferentes centros como, por exemplo, a Avenida Paulista ou mesmo a Avenida Luiz Carlos Berrini, de suma importância comercial para a cidade.

Neste contexto, a presença ainda tímida das classes populares já se fazia presente demarcando um início de conflito, manifestado através dos protestos populares ocorridos em locais públicos como praças e largos ou homeopaticamente através do cotidiano com os engraxates e jornaleiros em busca do melhor “ponto”.

Com a industrialização da cidade e sua conseqüente expansão populacional, mudam-se os interesses e a funcionalidade das localidades da cidade. O centro de São Paulo, antes centro financeiro, foi descentralizado ou reorganizado em outras áreas. Nessa mudança, o centro foi desvalorizado comercialmente ganhando os moradores de rua, os cortiços, o comércio informal e o aumento da violência.

Segundo Frigolí Jr.(2000), o centro tradicional de São Paulo era o lugar de convergência da elite paulista, ocupados por políticos, acadêmicos, jornalistas, entre outros que discutiam os mais variados assuntos na terra da garoa de ar nostálgico e sonorizado pelo tilintar dos bondes. Nas primeiras décadas do séc. XX o centro tradicional foi gradativamente deteriorado se tornando heterogêneo e popularizado, abandonado pelas camadas sociais de maior poder aquisitivo que acabaram por buscar outras áreas da cidade.

Nesse quadro urbano, a arte, quando exposta no espaço público, se mostra fundamentalmente processual, tal como a própria história do lugar. Nessa arte, o tempo da criação é concomitantemente engajado ao ritmo, à dinâmica do local e ao olhar do público-transente. É arte que brota do próprio lugar.

Ao caminhar pelas labirínticas calçadas do centro, elementos potencialmente artísticos são encontrados em espaços de possibilidades performáticas. Tais territorialidades, circunscritas por uma arquitetura de edifícios de diferentes épocas e estilos, despertam interesses artísticos por sua conturbada história de urbanização e utilização do local pelos cidadãos, que criaram significações diversas ao longo dos anos.

O pátio da igreja da Sé possui uma organização social própria dos que ali vivem e trabalham. Nesse lugar convivem, simultaneamente, moradores de rua, comerciantes, artistas urbanos, polícia e cidadãos. A ocupação deste espaço ocorre de maneira transitória

e líquida, com complexidades imbricadas entre si, este que é composto por um canteiro onde também estão expostas obras de arte, como por exemplo, dos neoconcretistas (Amílcar de Castro e Franz Weissmann).

Em contraposição a Sé esta o Pateo do Collegio, intermediado por um amplo pátio conflitam a arquitetura dos prédios públicos e a construção jesuíta, local de utilização diversificada com possibilidades de desenvolvimento de apresentações que necessitem relativas condições espaciais favoráveis. Permite através da intensa regulamentação do espaço, uma apreciação mais tranqüila para o público presente, que de certa forma também suprime acontecimentos urbanos inesperados.

Sob o olhar do artista, esse local central torna-se território para as intervenções artísticas do *Festival Visões Urbanas*, devido às presentes contradições e características históricas.

O *Festival Visões Urbanas* representante da rede CQD em São Paulo é um encontro multidisciplinar de artes, composto por espetáculos, instalações coreográficas, performances, oficinas, seminários, exposições fotográficas. Tem em seu foco principal, a dança que utiliza a cidade como tema e/ou palco.

A dança acontece em meio ao ambiente urbano, sendo interlocutora entre corpo e cidade, recupera o olhar dos transeuntes através do corpo artístico em movimento no tempo e espaço da metrópole que cria novos significados para o território, este deixa de ser paisagem para se tornar agente, recriando por outras angulares a história dos objetos volumétricos e dos espaços vazios da cidade. Atualmente a rede CQD é composta por mais de vinte cidades na Europa e na América do Sul com festivais que assumem características singulares de cada cidade.

A cada ano, o *Festival* ganha maior consistência em meio ao ambiente urbano. No decorrer dos dias em que se materializa, é notório por parte da organização e dos artistas participantes a busca pela comunhão com a cidade, também percebida pelos espectadores/transeuntes que retornam ao espaço para acompanhar a programação.

O corpo em sua evolução no tempo e no espaço urbano é palco de constantes conflitos entre necessidades subjetivas e a condição regulamentadora do espaço urbano. Construir cidades é primariamente traçar lógicas de ocupação.

Ao pensar espaços, os arquitetos materializam anseios humanos de habitação e sociabilidade que serão futuramente usufruídos pelos habitantes, a arte pública se vale de temas que permeiam questionamentos sobre o projeto urbano e a maneira como este

espaço é ocupado, sendo ela representante de diversos avanços na compreensão de possíveis rompimentos de fronteiras preestabelecidas de sociabilidade e relação espacial, criando espaços de esperança.

### **Bibliografia**

CALTEL, R. (2005). **A insegurança social: o que é ser protegido?** Ed. Vozes. 96p. Rio de Janeiro, 2005.

CALVINO, I. (1990). **As cidades invisíveis.** Ed. Companhia das Letras. 152p. São Paulo, 1990.

FERNANDES, C. (2006). **O corpo em movimento: sistema Laban/Bartenieff e artes cênicas.** Ed. Anna Blume. 406p. São Paulo, 2006.

FRIGOLI, H. (1995). **São Paulo Espaços públicos e interação social.** 111p. Ed. Marco Zero. São Paulo, 1995.

FRIGOLI, H. (2000). **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole.** Edusp. 254p. São Paulo, 2000.

LABAN, R. (1978). **Domínio do Movimento.** Ed. Summus. 272p. São Paulo, 1978.

LEFEBVRE, H. (1969). **O direito à cidade.** Ed. Centauro. 145p. São Paulo, 1969.

OKANO, M. (2007). **Ma: entre-espaço da comunicação no Japão - Um estudo acerca dos diálogos entre Oriente e Ocidente.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2007.